

XI Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política

Curitiba 31 e julho a 03 de Agosto de 2018

AT Pensamento Político Brasileiro

### **COMUNISMO E CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL**

Lidiane Soares Rodrigues (Universidade Federal de São Carlos)

Resumo. Um questionário denominado “O marxismo nas universidades brasileiras” foi respondido em 2014, por indivíduos que se autodenominam marxistas. Neste trabalho, analisa-se o intercâmbio entre leituras universitárias e partidárias do marxismo no Brasil, por meio das respostas que os respondentes do referido questionário deram à seguinte pergunta: “Por quais autores/ intérpretes do Brasil, você tem mais interesse?”

Palavras-Chave. Comunismo, Marxismo, Ciências Sociais, Pensamento Político Brasileiro, Pensamento Social Brasileiro.

A pesquisa que eu tenho desenvolvido desde meu doutorado em torno do marxismo no Brasil pode ser apresentada segundo três eixos que a diferenciam dos estudos rotineiros a respeito deste tema.

O primeiro eixo diz respeito ao tratamento da obra de Karl Marx e de autores marxistas, no Brasil, como um caso de importação e de exportação, no espaço assimétrico e desigual das trocas globais dos bens culturais e científicos.

Adotando uma concepção simultaneamente social, intelectual e política de “obra”, caracterizo tanto o conjunto de livros (artefato material) quanto o de conceitos, tanto as tradições filosóficas e quanto as disciplinares (dimensão intelectual) assim como a gestão da longevidade simbólica do marxismo (isto é, reedições de livros e de debates, eventos comemorativos promovidos pelos agentes desta gestão, etc.). A obra de Marx e da maior parte das leituras marxistas, não tendo origem no Brasil, sofreu as operações típicas da circulação das ideias - e dos textos: seleção, traduções diretas e indiretas, demarcação (de editores, prefaciadores, comentadores, patrocinadores simbólicos em geral), enquadramento segundo categorias de classificação e de desclassificação, de apreciação e de depreciação, etc. Se for verdade que estas operações estruturam e viabilizam a circulação das ideias, no caso do âmbito internacional, ela apresenta ao menos uma especificidade: a tradução linguística, cultural, política e científica. Como tantas outras tradições autorais e teóricas, processou-se de modo não linear e complexo, uma “nacionalização do marxismo” (Ricupero 2000).

O segundo eixo diz respeito às duas instituições mais importantes para os indivíduos/tradição marxista: o sistema educacional (particularmente o ensino superior) e o sistema partidário (particularmente, segmento comunista e socialista dele).

Um olhar de sobrevoo pela história do marxismo assinala sua gradativa incorporação às instituições científicas *pari passu* sua “intelectualização”, isto é, grosso modo, relativa autonomização em relação à esfera política, na qual teve origem (Elias 1982). Observado por muitos e cunhado por termos tão questionáveis quanto incontornáveis – “marxismo legal”, “marxismo de cátedra”, “marxismo ocidental” – o fenômeno da incorporação dos marxistas às universidades requer estudo mais minucioso do que o que tem recebido. Carece de inteligibilidade tanto o processo de difusão das ideias de Marx, e das condições de possibilidade de sua incorporação em tradições nacionais científicas e filosóficas, quanto ao de incorporação às ciências sociais desses espaços nacionais (antropologia, ciência política, historiografia, sociologia, etc.). As operações que caracterizaram a transferência de autores, livros, leituras marxistas da esfera política para a científica variaram enormemente no tempo e no espaço. Ela

foi realizada por agentes interessados nela, *simultaneamente*, portadores das restrições específicas que as caracterizam, em geral, ocupantes de posições dominadas e de disposições heréticas – na base do aticamento para inová-las.

Enganar-se-ia quem supusesse que esta proposta implica ignorar o marxismo partidário. Sendo o espaço dos leitores e das leituras organizado em torno dos campos político-partidário e do científico-pesquisa, é a relação entre ambos que precisa ser investigada em pormenor: quais são os agentes que estão em ambos os campos, a qual ordem de estrangimentos suas produções respondem, quais a permeabilidade de temas, obras, autores entre um e outro. O estudo realizado por Frédérique Matonti, a respeito da *Nouvelle Critique* trata desse tema. Em sua análise, a relação do periódico com a direção do Partido Comunista Francês (PCF), a liberdade negociada dos historiadores, sociólogos, linguistas – em paralelo às atividades profissionais dos mesmos – alçou um nível de compreensão da produção simbólica dos agentes que lhe permitiu destronar interpretações que reduziam o PCFa uma espécie de “instituição total”, controladora de seus intelectuais domesticados (Matonti 2005)<sup>1</sup>.

No Brasil, a gênese intelectual e institucional deste processo foi investigada em meu doutorado, dedicado ao “Seminário do Capital”, de 1958, cujo mentor foi José Arthur Giannotti; e no pós-doutorado, dedicado ao grupo da revista *Teoria e Prática*, animado por Roberto Schwarz, a partir de 1961 (Rodrigues, 2011, 2013, 2016). Qualquer conhecedor da história cultural e política brasileira percebe que numa fase em que o marxismo vicejava mais fortemente em partidos, suas formas primitivas de auto/classificação eram predominantemente oriundas da esfera política (comunistas, trotskistas, socialistas). Avançada a estruturação em torno de instituições de saber (esfera cultural), estas formas se converteram em 3 grandes tradições autorais – althusserianos, gramscinianos, lukacianos. A mudança expressa o que outros autores e eu temos chamado de “marxismo universitário” (Rodrigues, 2011; Gouarné, 2013; Matonti, 2005, 2004/5; Tarcus, 2007; Ymonet, 1984 ; Colliot-Thélène, 1984; Brun, 2014)

O terceiro eixo combina os anteriores na medida em que trata o conjunto dos indivíduos que se identificam como marxistas como um “espaço social” (numa deliberada tentativa de

---

<sup>1</sup> Ao contrário do que a leitura – comprometida politicamente com a difamação do PCF, infundada empiricamente – da sugestão de Max Weber sobre os “intelectuais proletaroides”, Matonti demonstrou que os que dispunham de mais concentração de capital cultural não se dispunham a desobedecer a direção do PCF, ao contrário. Suas condutas no nível da produção intelectual impactaram diversas áreas (Linguística, História, Ciências Sociais, Filosofia).

deslocar o uso conceitualmente descompromissado que a palavra “campo” tem assumido). Tratar o marxismo como um espaço social implica identificar as práticas mais valorizadas por estas pessoas, sua organização e hierarquização interna, os móveis da concorrência entre eles, os móveis da colaboração entre eles, contra outros grupos. Sublinho tratar-se de relações *simultaneamente* de colaboração e concorrência, intelectuais e políticas, e de acúmulo e de trocas materiais, simbólicas e afetivas. Como todo espaço social, algumas práticas assumem mais ou menos centralidade em sua organização e *ethos*. É o que tenho constatado por meio da análise das predileções de leitura dos leitores (Rodrigues 2018). A leitura, a tradução, e o comentário são as práticas eruditas mais apreciadas neste espaço – evidente, sobretudo, no contraste com os princípios de apreciação de outros coletivos acadêmicos (por exemplo, grupos de métodos, ou pesquisadores de mídia – em que o manejo operacional de programas, a linguagem de programação, etc. tendem a ser competências práticas mais valorizadas).

\*

Neste trabalho, minha proposta é a verticalização do segundo eixo mencionado: o das relações entre universidade, disciplinas e partido comunista.

A presença do marxismo nas universidades e disciplinas acadêmicas não eliminou os leitores de partido e tampouco o repertório dos mesmos dos espaços em que circulam livros, ideias, conceitos. As relações conflituosas entre esses dois perfis parece ter longevidade extraordinária. Com efeito, o quadro é mais complexo do que deixam entrever as categorias classificatórias e acusatórias do tipo militante x acadêmico; oriental ocidental. Uma vez que a inovação foi rotinizada nas universidades (em seu duplo sentido, de introdução de um filão autoral que antes não comparecia no repertório / e da maneira de ler, coletiva e disciplinadamente), modificou-se o perfil social dos agentes, suas estratégias de colaboração e concorrência, internas ao grupo dos marxistas e externas a ele, assim como as tarefas de gestão da longevidade do patrimônio intelectual do marxismo. Sabendo-se que a autonomização, a profissionalização e a especialização das disciplinas acadêmicas não ocorrem de modo unívoco e progressivo, os diversos marxismos alojados no interior delas padecem dos reveses de avanço e recuo desses processos. Entretanto, o exame que avance no tempo e considere de modo sistemático e quantitativo, a morfologia e o perfil da produção intelectual, constata que os efeitos dessa “sobrevivência” situam as práticas universitárias num grau muito diminuto de autonomia científica. Dito de outro modo, a diferenciação em relação ao marxismo partidário ocorreu num momento de autonomização da produção das disciplinas; porém, ainda que trabalhem em universidades, a produção destes marxistas não necessariamente se orienta segundo

parâmetros universitários. Em fases de maior heteronomização do espaço científico, são eles a vanguarda da quebra da norma científica em proveito dos princípios de valorização políticos.

Um questionário denominado “O marxismo nas universidades brasileiras” foi respondido em 2014, por indivíduos que se autodenominam marxistas. Ele foi dirigido a professores universitários (aposentados e/ou atuantes; do sistema privado e/ou público; de graduação e/ou pós-graduação) e estudantes de pós-graduação (mestrado, doutorado e pós-doutorado). O questionário era composto por 59 perguntas, majoritariamente fechadas e de múltipla escolha<sup>2</sup>. A pergunta 49 era aberta, exigia pelo menos uma resposta e ofertava três opções para o respondente. Ela perguntava: “Por quais autores/ intérpretes do Brasil, você tem mais interesse? (Citar pelo menos um autor)”.

Da resposta a ela, extraiu-se um *hit-parade* de autores aos quais os marxistas devotam sua intenção de leitura – ou, dito de outro modo, os autores que lhes suscitam o sentimento de que “devem ser lidos”, “valem a pena ser lidos”. Ora, diante deste hit-parede, pode-se, em seguida, indagar: o conjunto de autores respondidos pelos marxistas corresponde àqueles que as ciências sociais brasileiras convencionaram chamar de “intérpretes”? Trata-se de um modo simples de situá-los no espaço mais amplo (destacando os intérpretes eleitos em afinidade com as ciências sociais brasileiras); e de surpreender a lógica interna de suas trocas (se atentarmos para nomes improváveis na lista de intérpretes das ciências sociais brasileiras).

Eis os 7 primeiros lugares do *hit-parade*:

<b>AUTORES</b>	<b>RESPOSTAS (%)</b>
1 Florestan Fernandes	21,4
2 Caio Prado Junior	15,9
3 José Paulo Netto	6,9
4 Carlos Nelson Coutinho	5,3
5 Ricardo Antunes	4,0
6 Demerval Saviani	2,9
7 Ruy Mauro Marini	2,7
8 Francisco de Oliveira	2,5
9 Celso Furtado	2,4

---

<sup>2</sup> A pesquisa conta com a participação de Paula Marcelino (DS-USP) e de Danilo Torini (ESPM). Recebeu apoios do CNPq e da Fapesp.

10 Leandro Konder	2,0
11 Antonio Candido	1,8
12 Sérgio Buarque de Holanda	1,8
Total	69,7%

Os dois primeiros lugares correspondem a autores considerados “intérpretes” pelo espaço mais amplo das ciências sociais<sup>3</sup>. A partir do 3º lugar, tanto os eleitos como os eleitores são professores universitários ativos no espaço (com exceção de Celso Furtado). Eles divergem no número de respostas e nas motivações que levaram seus eleitores a escolhê-los. Os testes levados a cabo com o SPSS, e a análise dos paratextos dos livros e do gerenciamento da longevidade simbólica dos dois primeiros lugares mostraram que alcançaram este lugar por alguns motivos: em função das características de sua obra, como Florestan Fernandes e seus ensaios de interpretação da formação brasileira; em função de sua fidelidade à classe de origem; em função da “rebeldia obediente” para com o Partido Comunista, como Caio Prado Jr., ou em função à ruptura com sua classe de origem. Dito de outro modo: ensaísmo, fidelidade à classe de origem (se vem de baixo, 1º lugar); ruptura com a classe de origem (se vem de cima, 2º lugar); e ser “rebelde-obediente” são os critérios de consagração autoral dos incensados pelos marxistas. Essas características conformam uma coerência num sistema não institucionalizado de normas internas à população (Rodrigues, 2018).

Entretanto, a partir do 3º lugar, a eleição seguiu outra lógica – irreduzível à do topo, mas não indiferente a ela. Os eleitos são professores universitários marxistas no Brasil contemporâneo. Trata-se de uma espécie de “elite” dos marxistas. Ora, os marxistas não se destacam no espaço acadêmico por ocuparem posições dominantes (de regramento do espaço, de distribuição de recursos, de construção de instituições disciplinares e disciplinadas e tampouco de periódicos bem avaliados no sistema atual –tal como os acadêmicos da ABC). Indubitavelmente, sua contingência numerosa impacta o espaço. Mas o faz a partir de posições dominadas. Portanto, a partir de estratégias que correspondem a recursos dominados no interior das *disciplinas*. Por outro lado, pode-se supor que os professores que constam a partir do 3º lugar recorram a recursos específicos – eficientes junto à sua clientela *não-disciplinada, isto é, marxista* (Rodrigues, 2017). Aí se encontra de modo ainda mais realçado a especificidade da “eleição” da elite deste espaço.

---

<sup>3</sup> Como comprova qualquer consulta a dicionários, coletâneas, folhetos de eventos sobre “pensamento social”, etc.

Por meio de quais práticas e de quais representações os marxistas-capitais se destacam do conjunto dos marxistas em geral? São elas as mesmas ou opostas àquelas observadas entre os Acadêmicos da ABC? Por um lado sim, os grupos elegem cristalizações de características coletivamente compartilhadas. Por outro, não. Elas parecem ser opostas. Dito de modo simples, enquanto os dominados se escolhem/se elegem em função de uma auto-representação sacrificial; os dominantes se escolhem/se elegem em função de uma representação que naturaliza seus talentos. Estas autorepresentações são indissociáveis 1) das posições ocupadas, obviamente, mas sobretudo 2) das práticas que os conduziram a estas posições, catapultando suas carreiras.

A fim de apresentar de modo econômico as práticas capitais dos marxistas, optamos por trabalhar apenas até o 3º, 4º e 5º lugares (a análise até o 7º seria redundante). Trata-se, então de: José Paulo Netto, Carlos Nelson Coutinho e Ricardo Antunes. Quem são eles, qual sua produção intelectual, sua identidade política e sua posição universitária – são as perguntas que demandam resposta. Os dois quadros abaixo são instrumentos que as organizam de modo econômico<sup>4</sup>:

<b>Práticas Capitais (1)</b>					
<b>Tradução, comentário e edição(1)</b>					
<b>Faixa 2 do Hit-Parade</b>	<b>Tradução</b>	<b>Comentários /Paratextos de autores marxistas</b>		<b>Direção de coleção em editoras, comitês de revistas, blogs, etc.</b>	<b>Área dos livros com pesquisas empíricas ou ensaios sobre o Brasil.</b>
		<b>Estrangeiros</b>	<b>Brasileiros</b>		
<b>José Paulo Netto</b> , Juiz de Fora, MG, 1947.	Revisão técnica da tradução de Marx na Coleção Grandes Cientistas Sociais (em equipe)	Coleção Grandes Cientistas Sociais  Volumes: Engels Lukács	Florestan Fernandes	1982-1987. Editoralista do <i>Voz da Unidade</i> (s.e. substituíva Noé Gertel)  Coleção LukácsBoitempo	- Serviço Social e capitalismo dependente

<sup>4</sup> Como se trata de uma pesquisa em andamento, os quadros não estão preenchidos completamente e sua formulação é provisória, posto que se encontrem em teste. Ele é chamado de “Práticas capitais 1” pois há outras práticas a serem investigadas.

		Stalin			
<b>Carlos Nelson Coutinho</b>  Itabuna, Bahia 28/06/1943 – Rio de Janeiro 20/09/2012	Gramsci 22 anos Responsável pela edição brasileira dos Cadernos do Cárcere  Autodidata em italiano	Coleção Grandes Cientistas Sociais Volume- Lukács  Gramsci – Cadernos do Cárcere	Florestan Fernandes	2004-2011. Direção da Editora UFRJ. Destaque – parceria com Boitempo na publicação dos <i>Grundrisse</i> .	-  Literatura brasileira e teóricos marxistas da literatura.
<b>Ricardo Antunes,</b> 1953	-	Lukács (livro pela Boitempo)		Revista <i>Temas de Ciências Humanas</i> (grupo PCB, 1977-1980) Revista <i>Ensaio / Nova Ensaio</i> (1980-1982) Revista <i>Ensaio</i> Editora Unicamp Editora <i>Ensaio</i>	Sociologia do Trabalho.

PROFESSORES CAPITAIS						
Faixa 2 do Hit-Parade	Carreira Política e envelhecimento social				Carreira científica e envelhecimento social	
	<b>José Paulo Netto</b>  <b>MG, 1947</b>	x PCB (1963- <b>1992</b> )	x PCB (1963-1992)	x PCB (1963-1992)  1982-1989 Comitê Central, Comissão	x professor (*) UFJF (1972-1976)	x professor (*) Lisboa (UTL) (1977-1979)



			Executiva./			
<b>Carlos Nelson Coutinho</b>  <b>BA, 1943</b>	x PCB (1961-1982)  Tradutor	x PCB  Tradutor	X PT(1982) PSOL  Tradutor	-  Tradutor	-  Tradutor	x Professor Titular da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986) Tradutor
<b>Ricardo Antunes 1953</b>	x PCB Revista Temas/Ensaio	x PCB Revista Temas/Ensaio	-	x	x	x

Fonte: Elaboração própria (Rodrigues, 2017a).

Os dois quadros tornam evidentes as práticas e os capitais que condicionam as posições de reconhecimento e visibilidade no interior do marxismo universitário brasileiro. Do ponto de vista da identidade política, todos os autores eleitos na faixa 2, estiveram próximos do Partido Comunista Brasileiro (PCB): seja enquanto quadro militante e sofrendo a perseguição política e policial que os conduziu ao exílio (José Paulo Netto e Carlos Nelson Coutinho); seja num espaço de sociabilidade que se configura em torno de atividades culturais nos anos 1970, quando o PCB estava na ilegalidade e destruído pela ditadura militar (Ricardo Antunes, *Revista Temas de Ciências Humanas*). Enquanto este último apresenta a carreira acadêmica predominando sobre a política; os dois anteriores, no 3º e 4º lugares, apresentam a carreira política predominando sobre a científica. Tanto a proximidade junto ao PCB (dos três) quanto estas posições indicam que seus eleitores valorizam atributos irredutíveis aos critérios do campo científico e tendem a valorizá-los por esta irredutibilidade.

Dito de outro modo, esta população encontra-se atuando e trabalhando no interior de instituições científicas, mas as normas científicas não orientam inteiramente as modalidades mais apreciadas de trabalho intelectual.

Nas fases em que o sentido das práticas apontam para a autonomização da produção científica, o marxismo posicionou-se de modo anti-partidário, diferenciando-se e empenhando-se em se situar superiormente ao marxismo de partido (Rodrigues, 2011, 2016). Uma vez modificados os fluxos de intercâmbio entre universidade e partido, que se surpreende na trajetória destes agentes, *pari passu* a modificação da morfologia da população universitária, o quadro torna-se mais complexo. Há uma infiltração seletiva de princípios políticos no espaço científico. Daí que os autores

eleitos tenham vínculos com o sistema partidário, tenham sido militantes comunistas – mas, *nem todos os autores consagrados pela trajetória comunista* compareçam no elenco dos autores eleitos<sup>5</sup>. Além disso, quando se pondera a produção dos três, observa-se um desequilíbrio entre atividades pedagógicas e atividades de pesquisa<sup>6</sup>. É notável que o 5º lugar (Ricardo Antunes), mais jovem, mais profissionalizado, seja o que mais produziu em termos de pesquisas, em oposição aos dois mais bem colocados, cuja produção intelectual é dominada pela elaboração de traduções e paratextos a edições de *autores marxistas*. É na qualidade de *professores*, mediadores da tradição intelectual de seus autores marxistas de filiação (Gramsci, Lukács – notadamente) – que ganham destaque o 3º, 4º e 5º lugares. E, no sistema de preferências de seus leitores, o perfil político mais engajado, partidário, politizado e o perfil intelectual autodidata situam-se acima do perfil menos militante politicamente e mais profissional do ponto de vista disciplinar.

---

<sup>5</sup> Quando apresentei este ranqueamento para marxistas que responderam ao questionário, eles próprios questionaram a correção dos nomes e a ausência de alguns autores que esperavam que constassem.

<sup>6</sup>Em cenário nacional, a oposição é oriunda dos anos 1970, e da reconfiguração do espaço promovida pelos insumos da Ford e da RU da ditadura militar (MICELI, 1990).

## Referências

- BRUN, E. *Les situationnistes. Une avant-garde totale*. Paris: CNRS Éditions, 2014.
- COLLIOT-THÉLÈNE, C. “Le materialisme historique a aussi une histoire”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 55, novembro 1984.
- GOUARNÉ, I. *L'introduction du marxisme em France. Philosoviétisme et sciences humaines (1920-1939)*. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2013.
- MATONTI, F. *Intellectuels communistes. Essai sur l'obéissance politique. La Nouvelle Critique (1967-1980)*. Paris: La Découverte, 2005 ;
- \_\_\_\_\_. “Le capital militant. Essai de définition”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 155, 2004/5.
- RICUPERO, B. *Caio Prado Jr. e a nacionalização do marxismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- RODRIGUES, L. S. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo (1958-1978)*. Tese de Doutorado. FFLCH-USP, 2011.
- \_\_\_\_\_. “Leitores e leituras acadêmicas de Karl Marx (São Paulo 1958-1978)”. *Intelligere* v. 2, 2016.
- \_\_\_\_\_. “Marx em três tempos de Florestan”. *Dois pontos (UFPR)*, v. 13, 2016.
- \_\_\_\_\_. “Poder, sexo e línguas no marxismo brasileiro”. *REPOCS*, 2018, no prelo.
- TARCUS, H. *Marx en la Argentina. Sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.
- YMONET, M. “Les héritiers du *capital*. L'invention du marxisme en France au lendemain de la Commune”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 55, novembro 1984.